



ELA

Onde ela passa qual estrela,
Célere e luminosa,
Varrendo a escuridão da vida humana,
O carvão da miséria
Faz-se bendito lume,
Atraindo as mãos frias
De velhos e crianças
Que soluçam na sombra.

*

(*) Poeta, teatrólogo, educador. Escreveu nos principais jornais e revistas do País. Tendo sido a infância de RA uma das mais afanosas, iniciou ele o curso primário em Piracicaba, completando-o em S. Paulo. Depois de muitas reviravoltas por diversos colégios, de outras cidades, regressa o poeta à Capital paulista, onde passa a lecionar. Posteriormente, transfere-se para sua terra natal, desencarnando, mais tarde, em Bauru. Péricles Eugênio da Silva Ramos (in *Lit. no Brasil*, III, t. 1, página 538) classifica RA como poeta modernista não «histórico» e acres-

Onde ela passa docemente,
Por divina visão
Entre os campos do mundo,
Toda planta esmagada
Reverdece de novo
Ao brilho da esperança.

*

Onde ela passa generosa,
Sobre a lama da Terra,
Lírios brotam do charco,
Perfumados e puros,
Como bênçãos do Céu
Projetadas no lodo.

*

Ninguém lhe ouviu jamais qualquer palavra
De azedia ou censura.

*

Apenas a vaidade muitas vezes
Lhe toma a retaguarda
E espalha o pessimismo
Nos corações, em torno,

centa, adiante, que ele «cultivou uma poesia simples, sentimental e dolorida». Embora Afonso Schmidt (in *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 16) o considere «um dos maiores poetas de S. Paulo», Domingos Carvalho da Silva, «o seu melhor crítico», diz que RA, como poeta, foi «alto valor que não chegou a realizar-se, mas que manteve sempre a sua individualidade» (apud *Pan.* VI, pág. 80). (Município de Capivari, Est. de São Paulo, 27 de Setembro de 1897 — Bauru, Est. de São Paulo, 24 de Novembro de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: *Noturnos*; *A Sala dos Passos Perdidos*; *Casa Destelhada*; etc.

Comentando, agressiva,
A torva indiferença
Dos que bebem a sós
O vinho da ilusão
E devoram, cruéis,
O pão da mesa farta,
Dando sobras ao mofo,
Atolados na usura
35 Que o ouro anestesia.

*

Ela passa, entretanto,
Nobre, serena e bela,
Em profundo silêncio,
Educando e servindo
Sem que ninguém lhe escute
41 Sequer o próprio hálito...
Porquanto, em tudo e em todos,
E' sempre a Caridade — a Luz que vem de Deus.

OURO

44 Todo o ouro dos bancos
Pode nutrir, um dia, a glória do trabalho...

46 Todo o ouro guardado
Nos altares dos templos

35. Ler assim este verso: "Que o/ ou/ro a/nes/te/si/a"
41. Leia-se com hiato: *pró/prio/ há/li/to.*
44 a 68. Ler com hiato:

To/do o/ ou/ro;
o / ou/ro;
E o/ ou/ro;
E' o/ ou/ro.

E' riqueza da fé
Que o tempo transfigura.

50 Todo o ouro das jóias
Que esplende nos salões
E' láurea passageira
Em louvor à ilusão.

54 O ouro dos museus
A derramar-se, estanque,
Faz-se ornato da morte
Para a festa da cinza.

58 Todo o ouro das minas
E' promessa de pão,
60 E o ouro da moeda
Que auxilia e circula
E' sangue do progresso.

63 Mas apenas o ouro
Que gastas apagando
As aflições dos outros,
Acendendo sorrisos
Em máscaras de pranto,
68 E' o ouro da alegria
Nos tesouros de amor
Que acumulas no Céu.

RENASCIMENTO

O que sentes agora,
Já sentiste.
O que pensas agora,
Já pensaste.
O que dizes agora,

Já disseste.
E aquilo que desejas
Novamente fazer,
Muita vez já fizeste.

Resguarda, assim, o sonho
De luz e de beleza
Que bebeste na altura,
Para a nova jornada,
Sentindo no amor puro,
Pensando de alma reta e renovada,
Falando com nobreza,
E conservando, em suma, a lei do bem de cor,
88 A fim de que realizes a bondade
Para a Vida Maior.
Todo berço na Terra é novo marco...
91 E a alma reencarnada é como a estrela
Refletida no charco.



88. Ler *rea-li-zes*, com sinérese.
91. Leia-se *E a/al/ma*, em três sílabas.

ARLINDO COSTA e Silva *



APELO
AO VIAJOR

- 1 Viajante do mundo, pára e pensa
Assinalando os dons que Deus te empresta:
A Natureza a derramar-se em festa,
4 A visão, a beleza, o sonho, a crença...

Ergue-te ao sol do amor, caminha e incensa
De Paz constante e de alegria honesta
O trecho de jornada que te resta,
Procurando servir sem recompensa.

(*) Residindo em Uberaba, Minas, de 1901 a 1912, fêz Arlindo Costa o Curso Normal e colaborou em diversos jornais, dentre outros, a *Gazeta de Uberaba*, *Lavoura e Comércio* e *Brasil Central*. Foi professor do Grupo Escolar Uberabense e fundador do jornal *Lírios do Vale*, título de que se serviu para o seu primeiro livro, editado em 1907. Representou, em 1911, o professorado do Triângulo Mineiro no Congresso de Professores levado a efeito em Belo Horizonte. Em Anápolis, onde